

Cinco séculos de imprensa no **MERCADO DE NOTÍCIAS**

POR CELSO KINJÓ

Juntando uma peça de 1626 que registrou o nascimento da imprensa com depoimentos de 13 jornalistas, o cineasta Jorge Furtado propõe uma reflexão sobre jornalismo



Furtado, diretor da Casa de Cinema de Porto Alegre e há 25 anos na Globo, à frente de quatro atrizes da peça de Ben Jonson, 'Mercado de Notícias'

Fale um pouco da ideia do filme, como surgiu?

“Há algum tempo eu tinha vontade de fazer um documentário sobre jornalismo, sobre imprensa. Fui estudar o assunto, fui pesquisar as origens até – como é que começou o jornalismo, algo que me interessava. Através de um livro chamado ‘A História Social da Mídia’, de Peter Burke e Asa Briggs (Zahar, 2006, R\$ 64,90), eles citam lá no século XVII uma peça do Ben Jonson, chamada ‘The Staple of News’, que era uma peça de 1625, satirizando – era uma comédia – o surgimento do jornalismo. Eu fiquei espantado com essa data porque o jornalismo começou na Inglaterra em 1621, 1622... Eu fiquei muito espantado que o Ben Jonson pudesse, em tão pouco tempo, ter percebido alguma coisa para falar sobre jornalismo. Aí fui ler a peça, no original – não há tradução em português – e fiquei espantadíssimo com a atualidade das observações que ele faz, com a perspicácia dele para perceber o poder e ao mesmo tempo as possibilidades do jornalismo, que estava nascendo. Como não havia tradução alguma, eu convidei a professora Liziane Kugland, que já traduziu comigo dois outros livros, para fazer isso. Foi uma tarefa que nos custou três anos de trabalho, porque é uma peça grande e num inglês difícil, mais complicado que o Shakespeare, que tem coisas clássicas. O Jonson, não, se expressava no inglês das ruas de Londres...”

Mas a peça fazia reflexões sobre o jornalismo, as questões éticas, políticas, técnicas também. Quando terminei a tradução, enviei a peça a todos os meus convidados jornalistas que eu iria entrevistar, e a gente discutiu com eles as questões que a peça levanta e, ao mesmo tempo, encenei a peça com quatorze atores gaúchos. Montei o filme misturando a peça com reflexões dos entrevistados e mais pequenos documentários com reflexões sobre jornalismo brasileiro – alguns pontos são até mundiais, mas são especialmente brasileiros, pois trata-se de momentos da vida política brasileira em que o jornalismo teve papel preponderante. E é isso, é uma mistura e espero

que sirva de reflexão e para uso, mesmo, em universidades e escolas, para que a gente discuta e pense sobre os caminhos do jornalismo.

E como você chegou às origens mesmo?

“Percebi, no ano 2000 e pouquinho, que o jornalismo estava em um momento de grande transformação, por razões de ordem técnica – o surgimento da internet mudou tudo, mudou toda a lógica da comunicação, isto é, a maneira como os veículos transmitiam as notícias mudou inteiramente – e os jornais de papel, que a gente conheceu lá atrás e que me formaram – sou da geração que lê jornal desde criança – os jornais de papel estavam morrendo, os diários estavam com os dias contados. Ao mesmo tempo começou a se criar uma ideia, a meu ver falsa, de que o jornalismo seria extinto. Por um lado, acabou-se a necessidade do diploma de jornalismo; depois, com a proliferação de blogs, twitters, sites, parecia que todo mundo era jornalista.

Aí, eu que estudei jornalismo, me formei, sempre gostei de ler jornal, pensei: olha, nós não podemos viver sem jornalistas. Blogueiro é uma coisa, eu tenho um blog, e escrevo quando eu quero, enfim, isso não é jornalismo. Jornalismo é outra coisa.

Mas que coisa é essa? E que jornalismo vai nascer dessa transformação? Aí, comecei a escrever sobre esse assunto, porque acho que o que a gente está vivendo agora é uma transformação equivalente – aliás o (José Roberto de) Toledo diz isso no filme, ou seja, uma transformação equivalente ao que significou a imprensa, porque os relatos de guerras, os relatos de viagens a países distantes já existiam antes da imprensa, através de cartas, diários etc, mas com a invenção da imprensa de Gutenberg aquilo cresceu em proporção geométrica, surgiram os jornais, os livros, enfim, foi uma explosão de informação. Pois uma explosão equivalente àquela do Gutenberg aconteceu quando a internet ligou todos os computadores, e todo mundo passou a ser não só consumidor de notícias instantâneas no mundo inteiro, mas também produtor de informação, trocando informação. Quer dizer, eu acordo de manhã, nós todos acordamos, ligamos o computador e temos acesso a todos os jornais, em qualquer língua, em todas as partes”

Coincidentemente, Jorge, em nossa última edição (NC 74) é citada a teoria do ‘Parêntese de Gutenberg’, do dinamarquês Thomas Pettitt, para quem a web representou um regresso ao



O diretor (dir.) prepara o elenco (catorze atores) para filmar: a peça Foi especialmente encenada para o ‘Mercado de Notícias’

FABIO FREBELO/DIVULGAÇÃO

estado pré-Gutenberg. Pettitt escreve: 'O novo mundo é, em muitos aspectos, o velho mundo antes do impresso'.

“Pois é, a gente tem de desconfiar sobre todas as teorias que falam em transformações. Temos de perguntar quem está dizendo isso, qual é a fonte, tendo ciência de que o que está lá no Google pelo menos é a expressão da verdade de alguém num determinado momento. Isto é, alguém está dizendo que acha que aquilo é a verdade. Então, desconfiar dessas fontes passou a ser um exercício diário também, porque quando se tinha quatro ou cinco jornais impressos, todos pensavam ‘bem, jornalismo, notícia é o que está nesses cinco lugares aqui, nesses noticiários de rádio e TV. Agora, a gente fica sabendo que o Pelé morreu na CNN. No dia seguinte, desmentiu, ‘não, Pelé não morreu’. Então, a gente tem sempre que desconfiar, ter mais de uma fonte. Acho que isso que está citado no filme, era uma máxima do ‘Pasquim’, segundo a qual ‘se você não está em dúvida, é porque foi mal informado’. Sem dúvida, vale para o jornalismo, vale para a filosofia também.

A palavra é: desconfiar. Desconfiar não é descreer inteiramente, mas procurar um outro ponto de vista – mas é isso mesmo que está acontecendo? quem está dizendo? todos pensam assim? quem pensa diferente? – para formar a nossa própria opinião.

Eu sou bastante otimista, te confesso, e me sinto agora mais bem informado do que nunca. Porque não só tenho acesso

A gente tem de desconfiar sempre, ter mais de uma fonte. Como diz a frase, ‘se você não está em dúvida é porque foi mal informado’

aos antigos jornais, que continuam existindo em versões digitais ou ainda de papel, mas tenho acesso também a dezenas de blogs, sites de vários lugares, que me dão visões complementares dos assuntos que me interessam. A gente está mais bem informado do que nunca, mas a gente também está mais bombardeado com falsas informações, de imprecisões, todo dia. Então, a gente não pode ser um leitor muito passivo. Não pode só ler as manchetes de um ou dois sites e achar que está bem informado. Tem que buscar informação, ir à luta, procurar outras fontes. Isso é possível.

O (linguista e filósofo Noam) Chomsky dizia há uns vinte anos que é a mídia formava consenso. Só que essa formação de consenso ficou mais difícil agora. Vários veículos de informação podem estar dizendo a mesma coisa, mas se um blog, um jornalista solitário diz ‘não é bem assim, eu estava lá e vi que foi des-

se outro jeito’, e aí o consenso já se rompe. Lembro outro exemplo: enquanto todo o jornalismo mundial procurava o Bin Laden, um rapaz pelo twitter, lá no Afeganistão, tuitou ‘olha, acharam o Bin Laden, foi bem do lado da minha casa’.

Foi ele que deu a notícia pela primeira vez. Então, é muito difícil manter um segredo dentro de uma sociedade tão informatizada e com tantas ligações como a internet permite”.

Como v. analisa a grande imprensa no Brasil, hoje, jornais, revistas e TV, blogs etc?

“Acho o seguinte. Em todos os veículos – em todos – há bons jornalistas. Em todos os veículos. Há bons, e maus. Como há bons cineastas e maus cineastas, bons médicos e maus médicos. Acho que a grande imprensa está meio atordoada, desde o aparecimento da internet. Ela por muito tempo foi acostumada a ser a voz dominante, ou melhor, as vozes dominantes. Eles achavam que a tal opinião pública era formada por meia dúzia de veículos, incluindo TV, grandes cabeças nos rádios, e revistas. Hoje, a informação está muito pulverizada, e a grande imprensa, a antiga grande imprensa, não entendeu ainda, talvez, que tudo é público, quase tudo é público. Difícil se manter um segredo. Então, alguns jornais chegam às bancas já desmentidos pelos sites. Isso está acontecendo com muita frequência. Então, a gente vê informações que já se sabe que não são verdadeiras, estão impressas no papel. ▶

O Chomsky disse que a mídia forma consenso. Mas o consenso ficou mais difícil agora, com uma sociedade tão informatizada



CASA DE CINEMA/DIVULGAÇÃO

'Ilha das Flores', 1989: curta-metragem que foi premiado na categoria com o Urso de Prata do Festival de Berlim, e também no Festival de Gramado

Pegue o caso da Telexfree. A Folha, acho que o Estado também, publicaram a falência da empresa nos Estados Unidos, responsabilizada por esquema de pirâmides financeiras. Mas isso está na internet, no blog do Nassif, por exemplo, há um ano. Há oito meses, o Nassif dizia que o esquema da pirâmide ia estourar, e isso foi dado há muito tempo. Mas agora, para quem só é leitor dos jornais tradicionais, é uma tremenda novidade. Parece que a Telexfree era uma coisa muito boa até ontem.

Essa ideia é que tem de ser absorvida pelos grandes veículos. Os grandes jornais não é que eles sejam dispensáveis: quando acontece alguma grande coisa, e se quer confirmar se de fato aconteceu, é importante ter acesso aos grandes jornais. Como o Raimundo Pereira diz, "os grandes jornais burgueses" são organizações com muitos profissionais, onde o erro é mais compartilhado, pelo menos. Já o blog é muito pessoal, o cara pode escrever aquilo e, enfim, só ele viu. No jornal, normalmente a notícia passa por vários olhos. Então, eu acho que os sites, os blogs, eles complementam a informação.

Há uma outra questão, que eu nem coloco no filme – que tem noventa minutos: acho que o blog vive a infância do jornalismo, e isso me deixa contrariado.

Me refiro à publicação de comentários anônimos. Algo inaceitável no jornal impresso, ou em uma revista impressa. Nenhum jornal publica uma carta anônima. Mas os blogs publicam, com pseudônimo. Então, a gente vê aquela montanha praticamente ilegível, com baixarias de todo tipo. E está ali porque é meio automático, acho que ninguém lê vai pro ar sem ninguém ler antes. Enquanto os sites e os blogs não se livrarem disso, montando uma editoria que filtre o blog, corrija

os erros, os blogs tem de corrigir a ortografia. Como os jornais e as revistas fazem, nenhum deles publica comentários com erros de português. E tem sites que são uma loucura, praticamente ilegíveis.

Na minha opinião, os blogs e sites de informação só vão ganhar peso, importância, quando eles tiverem critérios semelhantes aos dos jornais impressos quanto à publicação de comentários, por exemplo.

A argumentação dos donos de blogs e dos sites, é que as pessoas gostam de interatividade, querem publicar sua opinião. Mas na minha opinião isso não se justifica. Eu tenho um blog, e não aceito comentários. Simplesmente não tenho tempo de ler todos os comentários e respondê-los. Como eu não tenho tempo de ler e responder, eu não publico. Porque não posso publicar uma coisa que não li. Não faz sentido isso pra mim.

Alguns sites tem filtros, como por exemplo o blog do Nassif. Apesar de ter no meio muita baixaria, pelo menos há um grupo que está registrado ali, então, são conhecidos. Também não gosto quando publicam textos com pseudônimo, ou apelido. Esses, eu não leio. Só leio textos publicados pelo dono do site

Você acha que a liberdade ampla na



CASA DE CINEMA/DIVULGAÇÃO

'Houve uma vez dois verões', 2002: primeiro longa-metragem de Furtado, ganhou prêmios no Festival de Cinema Brasileiro em Paris e no Cine Ceará

internet aumenta a agressividade do usuário?

Não, eu acho que a liberdade revela a agressividade, porque a internet amplifica e ecoa, porque há quem se sintam ofendido e responda, e aí vira uma discussão de ofensas e não de argumentos. Porque se institucionalizou no debate público brasileiro essa falácia que é o ad hominem, ou seja, em vez de se discutir o argumento, discute-se o argumentista – quem está dizendo? Um diz assim ‘o senhor é um ladrão’, o outro responde ‘mas o senhor é um mentiroso’. Não são argumentos, é uma troca de ofensas. Torna-se um debate que não vale a pena. Lembro, em todo caso, que há honrosas exceções, há muita gente escrevendo em muitos lugares. Aliás, não sei se se viu o site do filme. Na verdade esse projeto era o projeto de um filme, mas também era o projeto de um site. Tanto que o filme termina não com o ‘The End’, mas com o endereço do site (www.omercadodenoticias.com.br). Toda a pesquisa que fizemos, foram oito anos, desde 2006, primeiro eu, depois a Liliane (ou Bibiana), a equipe de produção do filme, toda essa pesquisa está no site. Todas as fontes de informação estão ali, eu queria também que o site fosse útil para quem gosta desse assunto, então, links de material de



CASA DE CINEMA/DIVULGAÇÃO

‘Saneamento Básico, o Filme’, 2007: com Fernanda Torres e Wagner Moura, é uma comédia que conta a saga dos moradores de uma vila gaúcha por melhoramentos sanitários

pesquisa, de blogs de jornalismo, a história do jornalismo... Quem é estudante e queira se aprofundar está com esse material disponível. Porque o filme, apenas, tem noventa minutos e em noventa minutos tem de se contar tudo. O site não, o site está vivo, vai ser atualizado. Até mesmo as entrevistas que os treze jornalistas deram para o filme serão publicadas quase na íntegra, então, espero que o site sirva de complemento ao filme. Que o filme instigue a ver o site e o site estimule a ver

o filme.

O site tem coisas muito interessantes. Tem um texto chamado ‘O Relato Jornalístico’, escrito por Tobias Peucer, que era professor em Leipzig e apresentou a primeira tese sobre jornalismo, em 1690. Essa tese foi traduzida por um grupo de professores da universidade de Santa Catarina. Vale a pena ler, é impressionante, muito atual e útil para quem é jornalista hoje. Sempre acreditei que ser original é voltar às origens. Se a gente quer construir o novo, tem que conhecer as origens, o antigo, como é que começou, para entender como paramos aqui.

Como v. vê a relação grande imprensa, redes sociais e cobertura das eleições?

A cada eleição, as redes sociais, a internet, crescem muito. A primeira eleição presidencial, quando a internet estava começando em 1998, a participação foi quase nenhuma. Já na primeira eleição do Lula, em 2002, ela já tinha crescido um pouco, mas também não foi protagonista da cobertura eleitoral. Em 2006, já foi protagonista. Em 2010, mais ainda, e agora, então, nem se fala. A internet está muito presente em cidades pequenas em todo o Brasil, então, ela vai ter um papel cada vez mais determinante.

V. acha que essa presença servirá para ▶



CASA DE CINEMA/DIVULGAÇÃO

‘O Homem que Copiava’, 2003: segundo longa-metragem de Furtado, venceu na categoria roteiro no Festival de Miami e mereceu Prêmio de Crítica em Punta Del Este



FABIO REBELO/DIVULGAÇÃO

Furtado orienta ator do 'Mercado de Notícias': encenada em Londres, em 1626: peça de Ben Jonson faz crítica bem humorada ao surgimento da atividade jornalística...

esclarecer o eleitor do interior do país ou vai aumentar a temperatura da campanha?

“Sendo um otimista, eu espero que o tom (das discussões) não aumente, ao contrário, eu espero que o tom baixe. Que se discuta ideias, que se discuta propostas.

Retomando a ideia do filme, e da peça: como v. chegou a Ben Jonson?

“Na verdade, foi com Shakespeare. Sou viciado em Shakespeare, tenho uma certa obsessão, conheço bastante, escrevi um romance baseado em peças de Shakespeare. Pois bem, o Ben Jonson era oito anos mais moço, e teve uma formação sólida, era um estudioso dos clássicos, conhecia latim, grego. A frase sobre o Shakespeare – uma crítica que se fazia a ele – de que sabia pouco latim e menos grego – é do Ben Jonson. Porque ele era um intelectual, professor em Oxford etc. Mas, ao mesmo tempo, enquanto Shakespeare se dedicava aos clássicos – as suas peças sempre se passam em Roma, Grécia, Verona, mitologias e terras distantes, o Ben Jonson era um cronista. As suas peças se passavam na Londres de hoje, com personagens buscados nas ruas, na política, ele fazia sátiras, e por isso, ao contrário de Shakespeare, morreu pobre e foi preso algumas vezes.

Ao mesmo tempo, foi reconhecido como grande intelectual, foi o primeiro poeta laureado da Inglaterra, o rei deu-lhe uma mesada. Escreveu muitos e muitos livros. O mais conhecido deles e o único traduzido para o português é ‘Volpone’, ou ‘A Raposa’, a história de um avarento que está morrendo e vê seus possíveis herdeiros em disputa. Ben Jonson fez também o poema da abertura das obras comple-

tas do Shakespeare, a primeira publicação. Nesse poema, o Ben Jonson foi também o primeiro a reconhecer que o Shakespeare era grande não apenas para “nossa época”, mas para todas as épocas. Reconheceu que era um nome para ficar, porque teatro, na Inglaterra, era muito popular, prezada pela qualidade e era uma grande forma de comunicação, porque naquela época noventa por cento eram analfabetos, e só se sabia das coisas pela transmissão oral. E o teatro era o principal meio. A Inglaterra criou seu império e sua identidade, seus mitos todos, através do teatro. As pessoas conheciam os reis e sabiam as histórias das brigas pelo poder através do teatro. Muito possivelmente, possa ser creditada ao teatro, a esse conhecimento das lutas fratricidas que aconteciam nos processos de sucessão dos reis, a mortandade, pois bem, talvez esse conhecimento que o teatro propiciou, seja responsável pela primeira ideia de democracia. É bom lembrar que o primeiro rei a perder a cabeça foi na Inglaterra (Carlos I, 1649): 150 anos antes da revolução francesa, o Cromwell e sua turma criaram um sistema de governo onde o rei não tinha tanto poder assim. Então, o teatro serviu a essa causa.



FABIO REBELO/DIVULGAÇÃO

...com tradução do próprio diretor e de Liziane Kugland. Cineasta há mais de trinta anos, Furtado também dirige ‘Doce de Mãe’, série da Globo com Fernanda Montenegro

UMA ATIVIDADE E 13 VISÕES DIFERENTES

Mercado de Notícias' entrevista treze jornalistas que contam histórias da Profissão, ilustradas com quatro episódios emblemáticos, gênero 'Escola Base'



“Não conheço nenhum caso recente de censura do Estado, que tanto temem. E eu conheço, e qualquer jornalista conhece, centenas de casos de censura feita pelo dono do meio de comunicação. Como é que as pessoas não dizem isso com todas as letras?”
Bob Fernandes (Terra)



“O jornalismo brasileiro tem uma neurose: ele não se aceita como agente político. Ai ele se refugia, de uma maneira geral, naquela história da isenção, da imparcialidade, e que expressa o interesse da sociedade”.
Maurício Dias (CartaCapital)



“O jornalista vê, escuta e conta. E se não vê com atenção e não escuta de fato, contar fica muito difícil”.
Renata Lo Prete (TV Globo)



“Muita informação sem estar organizada, estruturada e hierarquizada, não é nada. Então, o papel do jornalista é pegar aquele monte de informação, aquela montanha de informação, organizar, estruturar e dar uma lógica”.
Luís Nassif (GGN)



“Eu tenho uma esperança, que não é grande, de que as pessoas se deem conta de que o jornalismo depende dos jornalistas”.
Jânio de Freitas (Folha)



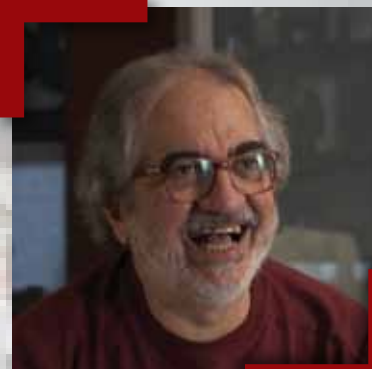
“Quando o jornalismo só quer confirmar suas próprias convicções, é um jornalismo feito com base em preconceitos. Os piores caras do mundo foram os caras que só queriam confirmar seus preconceitos”.
Paulo Moreira Leite (IstoÉ)



“Eu tenho que conversar com o que vem me contar a notícia e com aquele que corre para não contar a notícia. O nosso desafio é esse, ter os dois lados e conseguir contar o enredo o mais próximo da realidade possível!”.
Cristiana Lobo (GloboNews)



“O que há de ser um jornalista? Esse homem que conta a verdade factual. Não é? Para garantir a sobrevivência humana. É uma questão de sobrevivência do homem. A defesa da verdade”.
Mino Carta (CartaCapital)



“De tanto lidar com o que é extraordinário, um dia o jornalista passa a achar que o extraordinário é ordinário. Então, ele começa a jogar notícia no lixo”.
Geneton Moraes Neto (TV Globo)



“Esse negocio de você buscar o novo tem um mistério. Porque, na aparência, tem milhares de novidades todos os dias, em todos os cantos. Cabe ao jornalista selecionar e ver aquilo que realmente é novo, aquilo que reorganiza o passado”.
Raimundo Rodrigues Pereira (Retrato do Brasil)



“As empresas jornalísticas precisam entender que não vendem informação. Elas vendem credibilidade. Quando você compra o jornal, a revista, assiste o telejornal ou o portal na internet, você está indo atrás de alguém em quem você possa acreditar”.
José Roberto de Toledo (Estado de S. Paulo)



“O bom jornalismo vai sobreviver. Sempre há uma demanda na sociedade para produto de qualidade, para um bom jornalismo. Não importa a plataforma onde ele esteja. Vai surgir algo novo onde as técnicas do bom jornalismo vão prevalecer”.
Fernando Rodrigues (Folha)